2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 22. QUINTA FEIRA, 5 DE ABRIL DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Associação Consoladora dos Afflictos.

Primeiro anno da sua existencia *.

356 Ha um anno que aos pés da Cruz rebentava uma planta, semeada no terreno do Calvario por mãos abençoadas.

Em dia de lucto para a Egreja apontámos nós para essa planta, fazendo votos pelo seu viçoso crescimento.

Correu um anno depois que isto fizemos, e não só a planta se transformou em arvore, d'onde desabrocham as perfumadas flôres de mil esperanças; mas ei-la ahi já carregada, ou antes despida, dos fructos da charidade, que mataram a fome á miseria, e tiraram victimas ao crime!

Trabalhai para boa obra, e será vosso o mundo.

Eram doze os discipulos do pobre judeu, crucificado entre os applausos das turbas; e só elles bastaram para ensinar a tantas gerações, que esse pobre judeu era o Filho de Deus, e que a sua doutrina era a bemaventurança de dois mundos — um que os olhos conhecem — outro que a alma adivinha.

Quando a Egreja commemorava essas horas lugubres, em que só mulheres velavam no cimo do Golgotha, irmãs por sangue e por virtudes lançavam uma pedra para base de um grande edificio de charidade.

Em 28 de Março do anno passado 33 senhoras formavam a *Associação Consoladora dos Afflictos;* e tantas eram tambem as almas que, ajoelhadas ante o altar, pediam a Deus que lhes désse luz e animo para cumprirem a sua missão.

Ao presente já são 353 as piedosas almas ligadas por este laço, tecido no céu por entre coros de anjos.

No dia 28 do mez passado a Direcção reuniu a Associação no palacio do Sr. Duque de Palmella, para dar conta dos progressos da instituição, e do bem que tinha feito.

Não é dado a homens presenciar este acto de uma Associação exclusivamente composta de senhoras, mas pelo que nos consta com segurança, e por pessoa em quem acreditamos tanto como em nossos proprios olhos, podemos assegurar que a reunião foi uma scena edificante, em que as discussões vehementes das Assembléas formadas por homens se trocaram, ora pelo prazer de haver valido a tantos infelizes, ora pelas lagrimas que rebentavam de todas aquellas boas almas, emquanto a Ex.ma Sr.ª Condessa da Ribeira Grande, D. Anna, com o porte de quem possue altos espiritos, e com a voz afinada pela forte convicção do seu apostolado, lia o Relatorio simples, mas inspirado, em que fica traçada a primeira pagina da brilhante historia d'este divino pensamento.

E para este mesmo effeito fôra esse trabalho escripto.

No principio, a enumeração de alguns dos primeiros actos da Associação despertára no animo das illustres associadas a lembrança do alvoroço, com que lhes cahiu no coração a idéa de assim se reunirem, e o muito que sentiram banhar-se-lhes a alma de alegria, imaginando quantos afflictos as suas esmollas teriam de confortar!

Depois, o coração se lhes começou a cobrir de tristeza, ouvindo algumas palavras, que o Relatorio contém ácerca d'esses infelizes, com a noticia de que tambem no pão do espirito cuidou a Direcção, empregando constantemente duas pessoas para valerem aos miseros que, no ultimo degráu do infortunio, nem sequer encontram um peito amigo para encostarem a cabeça moribunda, quando a fome e a desgraça os arremessam para os seis palmos de terra da valla commum do cemiterio!

Essa tristeza se desfaz em lagrimas, quando o Relatorio resume a missão da Sociedade, e os seus serviços, n'estes curtos periodos, repassados de verdade, e alumiados pela luz do Evangelho:

«Portadoras dos soccorros, ou companheiras das «que os levam, quantas de vós tem vertido lagrimas «copiosas, ao verem o estado a que se achavam re«duzidas familias, outr'ora opulentas, e pelas vicis«situdes dos tempos, ou revezes da fortuna, priva«das de tudo, tiritando de frio, gemendo de dôres, «não tendo em que repousassem a cabeça, nem uma

* Em o N.º 20 do 7.º volume d'este Jornal demos noticia da fundação da Associação, e publicámos os seus Estatutos juntamente com os nomes das associadas.

«manta com que se cobrissem, nem um pão de ralla «com que se alimentassem? E como viviam ellas «n'este lastimavel abandono? Eis-aqui o que é in«comprehensivel, e de que todavia se não póde du«vidar.

«Para se fazer idéa de todos os horrores da mise«ria, é necessario ir examina-la de perto; devassar «os obscuros asylos onde ella envergonhada se es«conde; ver correr as lagrimas nos excessos da af«flicção; surprehender os gemidos na solidão do des«amparo.

«A esmolla é sempre boa, mas a esmolla levada «pelas mãos da charidade ao domicilio dos desgra«çados, tem uma incontestavel superioridade. Ella «vae muitas vezes valer a quem não tem força nem «meios de a solicitar, e que morreria á mingua sem «ella; offerece a quem a conduz, ou a acompanha, «espectaculos que de outra sorte nunca presenciaria; «faz experimentar emoções, que de outra sorte nun«ca se experimentariam; e para a mocidade, princi«palmente, é uma eschola de moral, a que nenhuma «outra póde equivaler.

«É talvez por isso que a nossa Associação tem «crescido em tão pouco tempo, tanto; que Deus a «tem abençoado; e ha-de continuar a abençoar; e «que deliciosamente sentimos sorrir-nos a esperança, «de que ella ha-de vir a egualar as que em outros «paizes tão relevantes serviços teem feito a Deus, e «á humanidade.

«Ella, que apenas se póde dizer nascente, tem «soccorrido, e está soccorrendo com dinheiro, com «roupas, e com outros objectos, perto de 200 fami«lias; e á medida que for crescendo em socias, cres«cerá em actos de beneficencia.»

A noticia das sympathias que a Associação tem encontrado, das esmollas que tem recebido, novamente serena o effeito de tão triste quadro, até que pouco mais de duas linhas lamentam duas perdas enormes, não só para a Associação, como tambem para os pobres.

Eis-aqui essas palavras:

«Duas grandes perdas soffreu a Associação n'este «primeiro periodo da sua existencia, as das Ex.mas «Sr.as Duqueza de Palmella, e Marqueza de Castello «Melhor; mas a Providencia, que assim nos privou «de duas das nossas melhores socias, deu-nos n'ellas «mais duas protectoras no céu.»

Com pesar juntamos a estas duas perdas mais uma tambem grande, e vem a ser a morte da Ex.ma Sr.a Condessa de Sobral, D. Luiza.

O fecho do Relatorio, que o qualifica como ensaio de uma obra grandiosa, deu por este modo exacta idéa do elevado commettimento que Deus confiou a quem toma o Evangelho por guia da sua vida.

A receita durante o anno foi de 802$500 rs., e a despeza apenas de 31$770. Toda a receita, menos esta minima quantia, se repartiu por pobres verdadeiramente afflictos.

Esta Associação já não póde acabar sem que a Religião padeça um ultimo golpe — ao presente o futuro é seu: pede em nome de Jesu Christo, para valer aos que são a Sua imagem; nenhuma porta se lhe póde fechar, ninguem se póde recusar ao seu convite.

O novo anno, em que entra, lhe augmentará os fructos com as orações dos afflictos, que soccorreu, com os votos de quantos a respeitam e admiram.

PARTE LITTERARIA.

Christo.

Ecce homo.

S.. João, c. 19.

357

«Eis o homem, Judeus! eis o accusado,
Aquelle que pedis crucificado
Jesus de Nazareth?
Eis o homem, Judeus! é innocente:
Quem por tal o não tem ou erra ou mente
Mente por minha fé.»

Assim falla o pretor, mostrando o Justo,
Sereno, sem rancor, sem medo ou susto;
E o povo sem ouvir;
Como as vagas do mar em tempestade
Cresce a turba, vozeia, na maldade
Feroz a rebramir.

«É culpado Jesus, é criminoso,
Contra Cesar fallou, sedicioso
Negou o seu poder;
Diz-se Rei dos Judeus, aspira ao solio...
O Calvario será seu Capitolio,
O seu sceptro ha de ter.»

É o sceptro uma cana, o seu diadema
A corôa d'espinhos, por emblema
Do poderio real,
D'espinhos que na fronte se lhe cravam...
E elles — os Judeus — impios bradavam
Como um côro infernal:

«Salve, salve, Jesus, ó Rei potente!
O teu povo se inclina reverente
Ante o Filho de Deus!
Magnifico Senhor do ceu e terra,
De tudo que o espaço infindo encerra,
Salve, Rei dos Judeus!

Já o sangue lhe cahe, e baga a baga
Correndo no pretorio o chão alaga;
E o povo sempre a rir!
Como as vagas do mar em tempestade
Cresce a turba, vozeia, na maldade
Feroz a rebramir.

Pilatos ergue a voz, perdão bradando;
Debalde, que nas furias redobrando
O povo pede a Cruz:
Na cegueira fatal, sem dó, sem tino,
«Perdão p'ra Barrabás, o assassino!
E morte p'ra Jesus!»

«Ei-lo — volve o pretor — ferido, exangue!
Matae-o, se quereis, mas d'este sangue
Eu lavo aqui a mão!»

Insensato! julgaste que bastava
Lavar a mão... não vês que não se lava
Nas aguas do Jordão?!

«No Calvario será crucificado,
E caia todo o sangue derramado,
Assim o queira o céu!
Sobre nós, e sobre os que nascerem
De nós, caia o sangue que verterem
As chagas d'este réu!»

E caíu; que em pena do delicto
O povo de Israel ficou maldito
Para todo o porvir.
Como as vagas do mar em tempestade
Cresce a turba, vozeia, na maldade
Feroz a rebramir.

Pater, dimitte illis.
S. Luc. c. 23.

Discip'los da nova Lei,
Vinde todos — eia, sus!
Que lá vae o vosso Rei,
O vosso Mestre, Jesus!...
Nem um só alli correu;
Só achou o Cyreneu
P'ra levar-lhe aquella Cruz!...

Vae ao Golgotha suando
O seu sangue divinal,
A cada passo vergando
Ao peso descommunal;
O sangue, que Elle verteu,
Nas pedras onde correu
Deixou eterno signal.

E morreu na Cruz pregado,
Como indigno malfeitor,
Pelos vis crucificado
O Messias Redemptor;
E cumpriu-se a prophecia,
Que nos transes da agonia
Bradava: perdão, Senhor!

Perdoae-lhes, que o delirio
Não os deixa vêr a luz!
Perdoae-lhes o martyrio
Que eu padeço n'esta Cruz!
Perdoae-lhes tudo isto
Pelos tormentos de Christo,
Pela morte de Jesus!

... emisit spiritum.
S. Matheus, c. 27.

Expirou... e as trevas n'um instante
Desceram sobre a face fulgurante
Do sol que se escondeu;
E a terra tremeu; de Deus o braço
Parecia arrasta-la pelo espaço
Infinito do céu;

Rasgou-se o véu do templo meio a meio;
O mundo parecia ter no seio
As lavas d'um vulcão;
Os marmores rangendo se partiram;
Das campas os finados resurgiram
Á voz da maldição.

Em torno desabou o mundo velho...
E a terra livre ergueu-se co'o Evangelho,
Arvorado na Cruz;
Do peccado despiu o negro manto,
Baptisou-a o sangue sacrosanto,
O sangue de Jesus.

O mundo renasceu — o novo dia
É aurora de paz e de alegria,
É aurora d'amor;
Já na terra surgiu a liberdade,
No céu abriu-se já a eternidade
Aos filhos do Senhor.

Curvae-vos, geração abençoada,
Que lá está no Golgotha plantada
A Cruz da Redempção!
Curvae-vos, seraphins, anjos celestes,
Que o céu já triumphou, e vós vencestes
Do Christo na paixão!

J. M. do Casal Ribeiro.

BELLAS-ARTES.

Informação ácerca de um objecto d'Arte, do XVI seculo, que possue o Sr. Abbade Castro.

O objecto, de que tracta a informação, que ao diante publicâmos, foi por nós visto, e sem duvida o considerâmos como um primor de arte. Ha grande numero de figuras, reduzidas em um pequeno espaço, e representando situações differentes. O desenho de todas é correcto, e ha na composição de cada grupo, no acabado de cada figura, tanto movimento e expressão, que é para admirar como o artista, em tão pequeno ponto, empregou os grandes recursos do seu engenho. Consta-nos que o Sr. Visconde de Moncorvo levou este objecto para Londres, afim de o mostrar a alguns dos illustres antiquarios.

Eis-aqui a descripção que nos communicaram;

358 É uma bola do tamanho de outra do jogo de bilhar, feita, pelo exterior, de coquilho (*cocos nucifera*, Linneo) todo lavrado e arrendado em gosto gothico, com duas tarjas em circuito, nas quaes estão exaradas, em caracteres maiusculos antigos, e com abbreviaturas, as lendas seguintes: *Attendite et videte si est dolor sicut dolor meus: Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum.*

Abre-se em duas metades; no interior é obrada

em páu de pereira *(pirus communis*, Linneo) com um gonzo, da mesma madeira, que une uma á outra, e no semicirculo da esphera superior tem duas meias portas.

N'este bello artefacto se observam os Passos da Paixão de Christo, em alto e baixo-relevo, feitos com grande engenho e subtileza.

O seu habil auctor parece que deu vida aos assumptos que alli reproduziu, pelo saber profundo no mimo do lavor, fino dos traços [1], e na apurada certeza das idéas.

No circulo das meias portas referidas tem insculpidos, em caracteres hollandezes antigos, como egualmente fóra junto ás garfilhas ou orlas, letras latinas vetustas, com inscripções, todas allusivas aos Passos da Paixão do Redemptor.

Em toda esta admiravel obra, por bem formadas conjecturas, se reconhece o estylo de *Alberto Durer*, de Nuremberg [2], da eschola flamenga, e de seu discipulo *Alberto Aldograft de Vestfaglia*, celebre gravador (que tambem seguiu o gosto de *Luccas de Leyde*, ou de Hollanda); porque o typo e o desenho tem a mesma identidade d'aquelles insignes artistas que floresceram no XVI seculo.

É mui provavel que esta obra fosse executada na cidade de Colonia.

N'este delicadissimo e primoroso artefacto podem os intelligentes ver e admirar quanto seu eximio auctor soube entender excellentemente todas as regras da esculptura, da architectura, da perspectiva e ornato.

É pena que d'este tão curioso e artistico objecto, sem contradicção do XVI seculo, se não saiba a sua historia de como veio a Portugal, e quem foi o seu primeiro possuidor.

Visão d'Ezechiel.

I

359

E o espirito de Deus disse ao propheta:
Vês o plaino defronte?
Não voltarás a face. Em linha recta
Vae além; desce o monte.

E desceu o propheta; e o que lá víra
Contou ás gerações;
Folga o céu, geme a terra, o mundo admira;
E prostram-se as nações!

II

Lá se estende um valle, aberto
Entre rochas a tombar;
Secco e nú, triste e deserto,
Da montanha até ao mar.
E o mar levanta-se afflicto;
Corre-lhe o funebre grito
Pelos echos do infinito,
Longe, mais longe, a soar.

E o raio fulge e rebenta;
E o despedido vulcão
Sobre as azas da tormenta
Tinge de fulvo clarão
A espuma da vaga alçada,
Qual, de chammas erriçada,
Ignea juba afogueada
N'um phantastico leão.

E o propheta entre as agruras
Pára, sente, ouve, a tremer,
Os ossos e as sepulturas
Debaixo dos pés ranger.
E as ossadas alvejantes,
Passados poucos instantes,
Levantaram-se oscillantes!
E o Senhor disse: Vem ver.

E o propheta, no transporte
D'um santo e mudo terror,
Viu aquelle pó da morte
Tomar vulto, e fórma, e côr.
E o passado que jazia,
Que ha mil seculos dormia,
Viu-o elle, que se erguia
Ao aceno do Senhor.

E viu purpuras e sceptros,
Ornando o orgulho mortal;
E viu um povo de spectros
Tornar-se um povo real.
E ousou calcar temerario,
Em passo convulso e vario,
O tenebroso sudario
D'esse imperio sepulchral

E, curvado e penitente,
Elevou sua alma a Deus;
E ás trevas da propria mente
Sentiu correrem-se os véus;
E arrancou brados profundos,
Que troaram gemebundos
Pelos contornos dos mundos,
Pelos espaços dos céus!

«Eu vi-te na tua gloria,
«Ó Deus do povo fiel;
«O Senhor és da victoria,
«És o Senhor de Israel.
«Não mentem as prophecias:
«Salvarás humanos dias,
«Como já salvaste Elias
«D'impias mãos de Jezabel.

III.

Não mente, não, não mente a prophecia:
A visão do propheta foi cumprida!

Agonisava o mundo. O filho do homem,
Condemnado ao nascer, nascia á culpa.
Era a terra um exilio sem esp'rança,
Que as esp'ranças mirravam-se no berço.

[1] Que nem os de *Peter Neefs*, famoso pintor de architectura.

[2] Coteje-se com as suas obras de pintura e de gravura.

Era a vida um supplicio. Além da vida,
Incerteza, negrume, o nada, o cahos;
Outro cahos peior! Além da vida
Para sempre: dizia a Eternidade!
E o abysmo repetia: para sempre!

Tal como Ezequiel erectos víra
Rotas as campas, os mirrados ossos,
E outra vida viverem; tal do Christo
O duplo sacrificio. Dupla vida
Aos homens restitue. A Eternidade
Cinge-os nos braços amorosa e leda:
Viviam para a morte: á morte vivem!

O martyrio do Golgotha sublime
Propaga os fructos seus. Roma apoz Roma,
O mundo apoz o mundo a cruz adoram.
E, pendente da cruz, um corpo exangue
N'um gemido, n'um ai, n'uma palavra
Quebra á terra os grilhões, ao mundo o incerro.
Abre a vida, abre o céu, descerra as portas
Do fulgido, eternal oriente d'almas!

O Deus que evoca, anima os esqueletos
Dormentes na mortalha dos sepulchros;
Outra vida chamou dos céus á terra,
E da terra nos céus a fez eterna.

Ó Christo-Deus, cumpriu-se a prophecia!
A mão que ao servo seu rasga os mysterios
Do cahos tira a luz, da morte a vida.

Não cessa o homem-Deus. Pendente o braço
Da cruz do soffrimento ergue d'um golpe
O filho do peccado, que no fundo,
Lá no fundo do abysmo blasphemava:
Ergue-o a par de si mesmo, e aos céus com Elle
Resgatado o conduz, e puro e livre:
Dá-lhe por c'rôa á vida transitoria
A gloria, a gloria sua, a infinda gloria!

Duas vidas lhe dá por um só lance,
E off'rece-lhe, rompendo o escuro véu,
N'um verbo o mundo, n'um suspiro o céu.

As vidas ambas que o propheta víra
Surgir á voz do Eterno, dera-as Elle
Para os filhos remir e seus torna-los.

Deus e homem, sob'rano feito escravo,
Abdicára em Bethlem de Deus a vida,
E a vida de Bethlem deixa ao Calvario!

IV

Duas vidas se consomem,
Uma pó, outra dos céus:
Morre no berço o Deus-homem;
Na cruz morre o homem-Deus.
No monte que fez divino,
Já cançado peregrino,
Exhala o sopro mortal;
Adoptando a humanidade
Despe a sua eternidade
Na sepultura carnal.

Adorar o lenho vamos;
O berço vamos saudar:
N'um d'elles a morte achamos
Para n'outro a vida achar.
O Christo, que nos soccorre,
Se nasce n'um, n'outro morre:
Morre em ambos d'uma vez!
Para ser unico exemplo,
D'um tugurio fez um templo,
D'um madeiro um mundo fez!

MENDES LEAL — JUNIOR.

Livros religiosos.

Librairie Française de P. Plantier, Rua do Oiro, n.º 62 e 63.

360 É PARA louvar que a França, no meio das suas controversias politicas, se não tenha esquecido de popularisar a Religião por meio de livros substanciaes no pensamento, e sempre amenos e seductores na fórma.

A collecção, que hoje annunciâmos, quasi toda approvada e recommendada por um prelado distincto, o Sr. Arcebispo de Tours, está no caso de ser lida com vantagem; e com muita e particular instancia a recommendâmos aos nossos leitores.

1.º Le Guide du Jeune Communiant, dédié ao Cardinal de Cheverus par l'abbé Bataille, 2.º Edition — 1 vol. in 18, fig. 480
2.º Le Guide de la Jeune Communiante, dédié ao Cardinal de Cheverus par l'abbé Bataille, 3.º Edition — 1 vol. in 18, fig. 480
3.º Miroir des Religieuses, par un Supérieur de Communité — 1 vol. in 18. fig 480
5.º Miroir des Jeunes Chrétiens, ou Imitation de la Sainte Jeunesse de N. S. J. C. — 1 vol. in 18, fig, ... 480
6.º Miroir des Femmes Chrétiennes, suivi d'examens particuliers, et de la Bibliotèque des Femmes Chrétiennes — 1 vol. in 18, fig. . 480
7.º Miroir des Jeunes Personnes, suivi des avis d'une mère à sa fille, par Madame de Lambert — 1 vol. in 18, fig. 480
8.º Miroir des Vierges Chrétiennes, par Mr. Girard de Ville Thierry, Prêtre, entièrement refondu par Mr. * * *, Chanoine de Lyon — 1 vol. in 18, fig. 480
9.º Mois de Marie de la Jeunesse Chrétienne, par Mr. l'abbé Michaud, 2.º Edition — 1 vol. in 18 400
10.º Refléxions d'un Solitaire sur le Prêtre Catholique, le Célibat, etc. — 1 vol. in 18 . . 240
11.º Sophismes et Mensonges, ou la Foi Catholique vengée, par un ancien Supérieur de Séminaire — 1 vol. in 18. 240
12.º Cathécisme de Controverse Catholique, par Scheffmocher — 1 vol. in 18 240
13.º La Jeune Marie, ou Conversion d'une Famille Protestante, par l'abbé B . . . — 1 vol. in 18. 240

14.° Enseignement de l'Eglise Catholique sur quelques points controversés par les Protestants — 1 vol. in 18 160
15.° Les Catholiques sont-ils des Idolatres? — 1 vol. in 18 160
16.° Le Chemin de la Croix, avec les pratiques de cette dévotion, dédié à la Très-Sainte Vierge: nouvelle Edition, augmentée d'un Exercice abrégé du Via Crucis, du Saint Rosaire et de la Sainte Messe — 1 joli vol. in 32 cartonné 200
17.° Vie de Saint François de Sales, évêque et prince de Génève; nouvelle Edition, par Mr. de Marsollier, augmentée d'une notice historique de la Translation des Reliques de ce Saint, et de celles de Saint Chantal, à Anneci, en 1806 et 1826 — 1 vol. in 12 de 576 pages et grav. 720
18.° Vie de Saint François Xavier, apôtre des Indes et du Japon, par le R. P. Bouhours, suivie de l'eloge de ce Saint, de son petit office et de ses Litanies, en latin et en français. Nouvelle Edition, augmentée de la Vie du P. Charles Spinola, et de la Relation du grand Martyre du Japon, en 1622, par le R. P. d'Orléans — 1 vol. in 12 de 504 pages, fig. 720
19.° Voyage d'un Gentil homme Irlandais à la recherche d'une Religion, par Thomas Moore — 1 vol. in 12 de 460 pages 720

A CONFISSÃO.

Em Quinta-Feira Santa, antes que tenhamos de ir assistir aos officios da Egreja, vou ler o fragmento, em que fallei ha dias, e que talvez não venha fóra de proposito.

A confissão, considerada pelo seu effeito nas diversas paixões, e nas differentes classes da sociedade, dava assumpto para um grande livro.

A historia do confessionario não é só a historia da civilisação por muitos seculos, mas tambem é a historia completa da humanidade.

Não é de tão alto que eu hoje a vou considerar.

O facto de que deixarei memoria n'este conto, por duas vezes abre á alma contricta as portas do Tribunal da Penitencia, uma vez na cella de um convento, e a outra n'uma egreja.

Na Cella.

Em 18... a Semana Santa veio muito cedo, e nem um sorriso de primavera tinha alegrado as campinas, quando a commemoração do augusto e triste Sacrificio cobriu a Egreja de lucto, emudecendo a voz dos milhares de boccas de bronze, que vem recordar ao mundo a oração e a brevidade do tempo.

Durante a noite de Quinta-Feira Maior, um temporal violento havia redemoinhado sobre Lisboa.

Entre as montanhas de nuvens, que o vento arrastava pelo horisonte, o relampago abria de quando em quando um veio de fogo.

Ao amanhecer dir-se-hia que o nascente estava manchado de sangue, ao passo que nuvens ligeiras, mas negras como as trevas, se conservavam immoveis em varios pontos do firmamento, como se fossem signaes do lucto que a terra vestiria em breve.

Se a imaginação corresse um véu nebuloso sobre a face do sol, e se erguesse uma cruz no ponto mais alto da cidade, dir-se-hia que a terra e o céu derramavam lagrimas de pungente dôr sobre o sacrosanto e eterno monumento da Paixão.

Em dia tão triste por si, e pelas tradições da Egreja, quando uma nuvem mais grossa projectava a sua sombra sobre uma janella do convento de S. Pedro de Alcantara, percebia-se que em uma das cellas ainda havia luz, apesar de que o dia ía já bem alto.

E de feito assim era, e eis-aqui o que ahi se passava emquanto o povo corria para os templos, que por toda a cidade se abriam para asylos da devoção dos fieis.

De uma das paredes pendia uma cruz preta, na qual estava pregada a imagem do Redemptor, no momento tremendo em que rendeu o espirito.

O sublime e o terrivel d'essa dôr, que resumiu o padecer da humanidade, vivia na madeira, em que a mão do artista havia tocado.

Defronte da imagem estava um dos frades da provincia da Arrabida, com os cotovelos fincados sobre uma tosca mesa, e com a cabeça encostada ás mãos, e os olhos cravados nas paginas, onde estava escripto o capitulo decimo-nono do Evangelho de S. João, no qual se descreve a morte do Justo.

Uma luz, cançada de arder durante a larga noite de inverno, derramava sombras lividas pelo fundo de todo este quadro.

O frade, que assim meditava, era de estatura pouco mais de que regular, e tão magro, que parecia amortalhado no habito de borel pardo, que lhe vestia o corpo, mal cingido por um cordão de esparto: cahia-lhe dos hombros o man-

to curto de que esta ordem usava: tinha a cabeça coberta com o capuz, que, pela sua fórma aguda, tocava com a extremidade nas espaldas da estreita cadeira de solla, em que estava sentado.

Os pulsos descarnados, sahindo das largas mangas do habito, denotavam que a cabeça pesava sobre os punhos, como estando entregue a profunda meditação.

As sandalias quasi fóra dos pés completavam o habito do arrabido.

Sobre a enxerga um monte de livros annunciava que poucas vezes o leito servia para o repoiso.

Quando o corpo se moveu com um suspiro, levantou a cabeça, e, olhando para o Crucifixo, o clarão debil da luz deu mais realce á tristeza das feições, que pareciam desfiguradas pela mão da morte.

Vistas de perfil, as fórmas da phisionomia, todas terminadas em angulo agudo, davam provas de que aquelle homem era um corpo que estava morrendo.

A fronte espaçosa comprimia-se nas fontes, como que apertada pelo pensamento, que lhe concentrava no intimo da alma toda a expressão externa do rosto: o cabello, basto e negro, traçava uma especie de semi-circulo em volta de parte do capuz.

As feições ficaram immoveis, como os contornos de uma estatua, quando deixou cahir os braços sobre o livro; e apenas se conhecia que havia uma trabalhosa lucta n'aquelle coração, porque os seus varios effeitos se reflectiam em um olhar vago, vindo da mais remota esphera em que a alma vagueia.

Se um moribundo olhar assim para vós, direis que é já do outro mundo que vos está vendo.

O padecimento e as lagrimas tinham feito correr dos olhos para as faces duas manchas escuras, que se destacavam como duas sombras da pallidez carregada de todo o rosto.

Dos labios, queimados pela febre, lhe sahiu um gemido, quando a porta da cella se abriu e appareceu um seu irmão.

Era um homem que teria pouco mais de sessenta annos, isto é, o dobro da edade do que acabo de descrever, mas no qual a força da vida subjugava o enfraquecimento natural do corpo.

Rosto alvo, mas queimado, com a cabeça erma de cabellos, e os olhos côr do céu, resplandecendo com essa alegria interna, que denuncia uma completa quietação do espirito; eis-aqui o retrato do frade que assim fallou:

— Irmão, Deus seja comvosco. É dia, e ainda vellaes!

Tomado de subito, o outro lhe disse, esquecendo-se até de responder á saudação:

— Já é dia?

— E ha muito. Mataes-vos por essa arte, irmão. Não é para assim queimar a vida á luz do estudo, que o Prelado vos prohibiu de ir a matinas, foi para que o vosso corpo tivesse algum descanço.

— Enganaes-vos, irmão; sobra-me ainda a vida, eu bem o sinto pela força com que se affasta do tumulo — d'essa minha esperança...

E encostou outra vez a cabeça ás mãos.

— Erguei-vos, e vinde á Egreja, que vos procuram. Ahi são muitos os peccadores, que hoje vem lavar as nodoas do peccado com o sangue do Calvario: o vosso auxilio é-nos mister.

— Não posso, irmão.

— Não podeis... e se essa vossa recusa retardar o arrependimento de uma alma... a sua salvação? Aquella vossa confessada, que vem sempre coberta com um véu, quasi com as mãos erguidas, me pediu para que vos chamasse.

— Irmão, pelo que me dizeis, não só não posso, mas nem devo. A voz d'essa mulher, que ha um anno me ajoelha aos pés, sem que lhe sáia da alma a confissão do peccado, que, em sua consciencia, lhe nega a absolvição — é para mim um som do inferno, um uivo de Satanaz entre o fogo que o devora: as suas palavras são chammas que me entram pelos ouvidos, e que eu sinto cahir sobre o coração...

N'este ponto ergueu-se, e chegando-se ao pé do outro frade, lhe disse, tomando-lhe de um braço:

— Se lhe não tivera visto alvejar o cabello por entre as pregas do véu, diria que era ella.

— Por Deus, calae-vos... não mancheis assim vida tão pura como a vossa...

— Pura!... e uma gargalhada louca lhe descerrou os labios.

— Filho, em nome de Deus... em nome de Deus, acudiu o ancião, estendendo-lhe os braços.

— Não sou eu, Padre; é Satanaz que se ri de mim... calquei aos pés a vaidade, e não pude ainda matar no pensamento essa lembrança, que me disputa a salvação até aos pés da cruz.

— Irmão, irmão, não desatineis.

— Não posso... preciso morrer, para que a

sombra do tumulo me esconda esse passado, com que lucto ha annos... E cortou o periodo cahindo, a soluçar, nos braços do seu santo companheiro. Passados alguns instantes, e indo machinalmente sentar-se na cadeira, com as faces banhadas pelas lagrimas, disse, olhando para o crucifixo:

— Meu Deus, perdoae-me!... são grandes os meus peccados, quando assim fujo do claustro para o mundo — quando, em vez de cumprir no confessionario a missão augusta que tomei, me converto em maior peccador de que todos quantos, ha oito annos, me ajoelham aos pés, afim de que, em vosso nome, os guie por esses caminhos da vida, em que me perdi...

Fr. João, com os braços cruzados, e a cabeça pendida sobre o peito, se aproximou d'elle.

— Vindes, irmão?

— Não posso.

— Offendeis a Deus com essa fraqueza: — quem tem vencido tentações de mais vulto, saberá vencer esta, que é uma sombra.

— Irmão, que tentação conheceis maior do que a de uma voz, que nos converte em ferro as cordas d'essas lyras celestes, com que os anjos nos povoam a alma de harmonias divinas?

— A vaidade, essa tentação, de que ha pouco fallastes, e que, n'este mesmo claustro, soubestes vencer. Lembrae-vos d'essa pratica, que nos deslumbrou a todos — d'essas torrentes de arrebatadora eloquencia, que da vossa bocca deixastes cahir, quando, do alto da cadeira da verdade, nos fallastes em nome de Deus. Nunca a nossa ordem foi assim honrada; e, comtudo, para vencer o que chamaes vaidade, nunca mais a vossa voz soou no templo, e para o confessionario fugistes com esse thesoiro de sciencia e de talento, que, no silencio d'essa pratica, desconhecida ha annos, despendeis com as almas pobres e enfermas.

— Confessar é a minha vida, em quanto o meu arrependimento se não completa, em quanto não dou por consummados todos os sacrificios... Irmão, tendo nascido pobre, o trabalho e a esperança, de que eu então chamava felicidade, me fizeram ter meios, que dei aos pobres até ao ultimo ceitil... Ensinou-me Deus a linguagem de Homero e de Virgilio, e eu sepultei-a no esquecimento!... Aqui interrompeu-se, e levantando um ladrilho, appareceram alguns papeis, que atirou para o chão, depois de os ter começado a queimar na luz... No fogo morram as ultimas harmonias que me sahiram da alma!...

— E o vosso talento para a esculptura, que esse crucifixo attesta?!...

— Ai, irmão, que luz me fazeis relampejar ante os olhos... esse crucifixo... é obra minha — é a unica, se fosse possivel... — e com os olhos brilhantes e como em delirio, se ergue, e estende os braços para a cruz; depois recua espavorido, com os cabellos hirtos, e cingindo com um braço Fr. João, com o outro aponta para a imagem.

— Ide abrir-me as portas do carcere, apertae-me estes celicios até que o sangue corra em fio. Estou maldito; um pensamento sacrilego me escaldou a mente... pareceu-me ouvir um gemido tremendo, vindo do céu, e sahido da bocca d'aquella imagem, quando me aproximei d'ella... Ouvi-me de confissão, ouvi-me, que não posso morrer assim; e, com as mãos postas, cahiu aos pés de Fr. João, e a confissão lhe sahiu dos labios. Depois fallou assim: — Na primavera da minha vida o orgulho me profanou a alma: amei uma mulher, e até esqueci Deus e o mundo para cuidar na sua e na minha ventura: quando me disse que era amado, pensei que o céu se havia transformado na terra... ella era rica, e eu pobre; mas o meu trabalho me havia ganho o direito de não a receber como uma esmola... o dia do casamento estava marcado; mas, por sua escolha... por causa d'uma ingratidão sem nome e sem exemplo, outro a conduz ao altar!... Tenho de morrer duas vezes, Padre, porque então sei eu que morri... Antes de a conhecer havia feito essa imagem que me ouve: quando ía disparar um tiro sobre o coração, vi ante mim o Redemptor do mundo, e um instante de meditação me transformou o crime em arrependimento. Fugi para este claustro austero, e já depois de professo, copiando parte do que sentia, retoquei a expressão da dôr que nos remiu, e abri mais as chagas, que eu via gotejar sangue quando orava: e foi essa reliquia santa, que eu tomei ha pouco como ostentação da minha vaidade. — E indo desprega-lo da parede, se ajoelhou de novo aos pés do confessor. — Tomae-o de minhas mãos, e não digaes a ninguem que é obra minha — em confissão vo-lo peço, em confissão o deveis prometter. Dae-lhe uma lagrima quando rezardes pela minha salvação. — E, rezando o acto de contricção, lhe dava o crucifixo. Fr. João, tomando-o

com a mão esquerda, e deitando a benção com a direita, parecia um apostolo convertendo as nações idolatras.

O penitente, que jazia a seus pés com as mãos postas e a cabeça curvada até ao chão, recebeu o perdão da Infinita Misericordia. Depois ambos sahiram da cella, e o pobre frade, conduzido quasi nos braços de Fr. João, veio assentar-se no confessionario, em que tinha passado todos os dias da quaresma.

Na Egreja.

O apoucado recinto da Igreja estava cheio de gente: o silencio da devoção apenas era cortado pelo murmurio das confissões, em que o tumultuar da vida apenas soava como a voz gasta por muitos echos.

O confessionario. que estivera vago até á entrada do misero frade, era o que tinha ao pé maior circulo de penitentes.

Quando o viram entrar, muitas palavras se trocaram rapidamente entre os fieis que enchiam o templo.

—Santo Deus! parece que vem da cova; — dizia, arredando-se para o deixar passar, um ancião, vestido de preto, e ajoelhado ante o altar do Sacramento.

— Mais me parece a mim que vem do céu, com um resplendor a coroar-lhe aquella cabeça de S. Francisco; — respondeu logo uma velha, que estava resando pelas contas do seu bento rosario.

Seria longo descrever todos quantos tomaram parte n'este côro de louvor, mas bastará citar aqui algumas das coisas, que então se disseram, para se conhecer o que era a alma do que tão contrito ajoelhára aos pés de Fr. João.

— Que bocca de oiro! parece que só se abre para ensinar o caminho do céu.

— É por isso que tantos vem buscar o seu conselho na confissão.

— Deus lhe pague o haver-me feito voltar aos braços o ultimo arrimo da minha velhice — o meu unico filho, que por seis annos me desamparou desencaminhado com más companhias.

— D'esses milagres faz elle aos centos: não ha marido nem mulher que sejam mal casados, depois que o ouvem fallar como se fôra um santo.

— Esta quaresma tem elle feito arrepender mais de quarenta mulheres e homens da vida má, em que andavam perdendo a alma.

— Se até faz com que mandemos os filhos para a eschola! Se tivessem mostrado a meu pae o que era a ignorancia, assim como elle me revelou no mesmo confessionario em que ora está, por certo que não seria eu hoje um mendigo.

— E não só converte os da nossa egualha: já vi muitas fidalgas terem tornado do seu confessionario a soluçar, e outras com os lenços ensopados de lagrimas.

— E fidalgos tambem... ainda na sexta feira de Passos eu vi um com provas de bem arrependido, depois que lhe recebeu a benção.

— Para ajudar a bem morrer, é como se fôra mandado por Deus.

— Eu, se o tiver ao lado quando expirar, já sei que a morte me custará metade.

— Não admira, que muito deve elle poder no animo de todos, quando sabe vencer impenitentes como o ultimo padecente, que, antes de chegar ao patibulo, fatigou debalde tres padres.

— Mas não poude resistir a este, quando, fallando-lhe como um pae falla a seu filho, o fez publicamente confessar as onze mortes, que o levaram á forca.

Estas praticas acabaram, porque a mesa santa da Communhão se abriu para dois turnos de confessados.

No entanto, Fr. João foi ao fundo da Egreja, e logo uma senhora, de porte esbelto, toda vestida de preto, caminhou para o confessionario, em que se assentára o confessor, que acabava de chegar. O andar d'esta senhora mal se sentiu, e apenas o ruido da seda, que trajava, denunciou que alguem atravessava a egreja.

Ajoelhou sem esforço, mas com rapidez. Trazia um véu espesso sobre a cabeça, o qual, atravez de algumas malhas, deixava perceber o cabello completamente branco. As mãos delicadas, e devotamente postas, recordavam o desenho puro e harmonioso de Raphael, colorido pelas tintas transparentes de Ticiano. Um rosario romano, com a sua cruz pendente de madreperola, como as contas, estava enleado em um dos arredondados pulsos. Na mão direita luzia um annel simples, como se fôra formado por dois ou tres fios de oiro. Via-se que o corpo, dominado pela alma, tinha a flexibilidade do vime, e que era graciosamente aprimorado por uma delicada cintura. Do rosto apenas se percebia essa pallidez, com que o tempo tinge a mais alva e fina cera, e o mais deslumbrante marfim: o perfil era o de um perfeito modelo da arte. N'esse dia, quando entrou na egreja, e

deu esmolla a uma pobre, que sempre soccorria, as pregas do véu soltaram-se-lhe das mãos, e a infeliz viu que os olhos da sua devota estavam magoados por muitas lagrimas, choradas por muito tempo; mas que eram quasi tão negros como as duas bem arqueadas linhas de curtos e lustrosos cabellos, que os rematavam.

Como a luz, que, perto de expirar, é novamente alimentada, e vae lampejando pouco a pouco, assim o frade, animado pela benção do seu companheiro, e pela contrição da sua alma, poude vencer alguma cousa, ainda que pouco, o abatimento mortal, que o prostrava

Uma convulsão electrica lhe correu pelo corpo, quando as primeiras palavras da penitente lhe chegaram aos ouvidos; mas este effeito só durou um instante, passado o qual, o rosto ficou como se fôra o de uma estatua.

O confessor começou por esta fórma a preparar o animo da penitente:

— Confio em que hoje Deus, attendendo ás minhas supplicas, fará com que vos sáia da alma essa confissão, para que eu vos preparo ha tempo. A Egreja corre hoje de braços abertos em procura dos peccadores: o thesouro das suas bençãos é inexgotavel. Pelo sangue precioso do Redemptor do mundo, pela dôr sacrosanta que a sua affrontosa morte custou á Mãe de todos os infelizes, arrancae do coração o envenenado espinho do peccado; lavae a ferida sangrenta, que vos ficar, com a milagrosa agua da penitencia, e o arrependimento, como uma consolação que não se póde avaliar, vos abrirá as portas da celeste bemaventurança. Todos somos fracos, todos podemos ser vencidos pela tentação; mas, para nos chamar de novo á vida da graça, lá está, ao lado do throno de Deus, a Suprema Justiça e a Suprema Misericordia. O tumulo, em que o peccado prende a existencia, é cheio de trevas e de corrupção; mas o caminho do arrependimento é todo semeado de flores, e alumiado por uma luz que nos arrebata. Um peccador, sahido d'esse horrivel tumulo, vos offerece a mão para que deis o primeiro passo, que vos ha de aproximar da salvação eterna. A minha missão é tão mansa como a da Augusta victima dos peccados do mundo. Fallae, que sereis escutada, não pela justiça, que tem de castigar os impenitentes; mas pela Misericordia, que val aos arrependidos.

— Reverendo padre, Deus me tem fallado pela vossa bocca: não é o arrependimento que me falta; é a coragem para apresentar aos pés da cruz uma vida, que eu mesma amaldiçoei.

— Filha, na presença do Deus das infinitas Misericordias, do pae, que nos ama com a eternidade do seu affecto, não falleis em maldições!

— Ai! padre, se eu podéra esquecer o passado, se eu podéra esquecer uma ingratidão espantosa, uma cegueira louca, e um pae, que era para mim como Deus?

— A Egreja não exige, nem quer, esse esse esquecimento.

— Vereis como a sua lembrança me deve minar a vida; ainda que não sei se o vosso coração, amortalhado n'esse bento habito, arrefecido pelo contacto da morte, vos deixará perceber quanto eu tenho que vos dizer.

— Irmã em Christo, n'este coração, que o borel separa do mundo como se fôra a pedra do tumulo, só existe a imagem do Salvador do mundo, e para balsamo dos vossos pesares, e gloria da Religião, ganhareis mais em que eu vos comprehenda como devo, do que segundo o que podeis desejar.

— Foi longe do grande ruido do mundo, reverendo padre, que vivi a minha infancia. Ao lado do melhor dos paes, o amor me veio entrar no coração. Nasceramos ricos, muito ricos; mas o que valia mais do que o nosso oiro era o santo socego que então gosavamos. Meu pae adormecia ouvindo-me ler os seus livros queridos, e acordava achando já perto de si a filha que tanto amava. Estava quasi sempre em nossa caza um mancebo da minha edade: comecei a ter-lhe amizade, porque adorava meu pae como se póde adorar um santo.

Algumas vezes me dizia meu pae: se não receiasse que tivesses ciumes, chamava-lhe filho: uma vez que assim me fallou, lancei-me nos seus braços, beijei, chorando, os seus alvos cabellos, e disse-lhe: — «Dai-lhe esse nome, mas sem que eu vos deixe.» — Estas minhas palavras foram comprehendidas — da amizade tinhamos passado para o amor; mas quando percebi esta mudança, tive medo do amor d'aquelle homem: — não podeis imaginar, padre, a força de affecto que havia na sua alma, nem a devoção com que elle calculava a minha futura felicidade. Uma noite estava elle fazendo o retrato de meu pae, e eu a ler-lhe o Evangelho... mas onde ides, padre, que me não continuaes a ouvir?

O frade estava em pé, como se fôra um ca-

daver envolto na mortalha, e com os olhos immoveis no véu que encobria o rosto da penitente; e por entre os labios lhe sahiram estas palavras: — «Aos 28 annos não póde ser... eram tão pretos...»

Tornára a haver communhão, e o frade foi para o altar do Sacramento, depois de ter dito á confessada que em breve voltaria.

Fr. João tinha visto o que se passára, e veio ajoelhar ao pé d'elle.

O frade tinha as mãos postas, e tão no cimo do peito, que as mangas do habito lhe deixavam ver os braços descarnados: olhava para a luz da lampada por tal arte, que parecia que só um terremoto o faria pestanejar.

— Irmão, não vos deixeis vencer. Descei do pinaculo d'esse monte de egoismo para onde vos conduz Satanaz, e empregae a vossa alma no serviço de Deus.

O frade pareceu ouvir estas palavras, mas não lhe respondeu, e só dos labios descorados e convulsos lhe sahiu esta surda exclamação: — «Deus, valei-me!» — por entre as palavras de uma oração que se não percebia. Depois erguese, e, vendo Fr. João, abraçou-o, e duas bagas de lagrimas escaldaram as faces do velho, e deixaram um reflexo vermelho nos olhos do moço arrabido, como se fossem lagrimas de sangue.

Cahiu sentado no confessionario, com as mãos sobre os joelhos, e a cabeça de modo que os olhos ficaram voltados para o alto da egreja.

— É bem ingreme o caminho da amargura, que une o Presepio ao Calvario, e que tambem liga esses ledos dias aos que se passam perto do tumulo. Cobrae animo, para que a vossa alma possa novamente contemplar a differença que ha entre o socego e o infortunio.

— É que infortunio, reverendo padre!... Quando o homem, de que vos fallei, soube a resolução de meu pae, desappareceu-nos de caza, e alguns dias depois mandou-nos dizer, que nem só me queria offerecer a sua vida, mas tambem uma fortuna, e que nos tinha assim deixado porque lhe não teriamos permittido o cumprimento de tal resolução. Circumstancias extraordinarias obrigaram meu pae a trocar o seu retiro pela vida brilhante da cidade. O meu futuro esposo não deixava de continuadamente me escrever por meio tão mysterioso, que sempre ignorei o sitio em que estava: na cidade todas as senhoras se diziam minhas amigas: as que souberam do meu amor começaram a ridicularisa-lo; não as entendi ao principio, mas a continuação da sua convivencia cercou de gelo o fogo que sentia arder no coração. Uma d'essas minhas amigas tinha um irmão, que repetidamente me apresentavam como um mancebo estimavel: o seu modo de pensar era perfeitamente opposto ao d'aquelle que eu amava; comecei a notar a differença, e não sei como... não direi que o amei, porque não quero profanar estas palavras; mas esqueci o outro, e, levada pela opinião dos que me cercavam, acceitei a mão que do altar me arremeçou para este Tribunal, onde imploro a misericordia!... E, por algum tempo, as lagrimas substituiram as palavras.

O frade ergue a cabeça de entre as mãos, onde a tinha encostada, e cruzando os braços sobre o peito, como quem se resigna para um grande sacrificio, fallou com voz fraca e indecisa:

— Tinheis razão ainda agora: essas coisas não se podem esquecer. O mundo foi para vós a tentação. Para vos não lembrar d'elle, começae a pensar na vida de Jesu Christo; enchei o pensamento e coração com o seu divino culto; procurae na salvação eterna o conforto, que a terra vos nega, e tudo passará como o fumo. Ha sacrificios maiores do que os vossos, que só a Religião deixa ir ao cabo...

— Só meu pobre pae defendia o misero ausente, mas até desobedeci ao seu desejo — tanto me haviam cegado! E que admira? se eu até reneguei o que tinha mais no intimo da alma! Já eu zombava do que chamava louco, e não respondia ás suas cartas, quando elle appareceu. Não me quero lembrar dos trabalhos que passou, para juntar a fortuna, que o seu caracter austero lhe fez ambicionar. Todos lhe chamavam louco; esposei outro, e do louco nunca mais tive senão as novas, contidas em um papel, que me foi entregue por um peregrino vindo de Roma, e o qual, em caracteres de fogo, se me gravou na mente, á semelhança de um remorso, que não a tornaria a largar. Resava assim, que bem me recordo, para meu mal:

«De entre o céu e o mar te mando esta recordação de uma esperança morta para sempre... de uma illusão desfolhada em vida, por quem a poderia prolongar para além da campa... Mulher, só eu sei o que perdes de ventura: morrerás sem saber o que val o amor, que assim está convertido em saudade. Despenha-te ridente pelos caminhos da vida, nos braços da illusão

qne te cega, em quanto eu te sigo com a devoção de um affecto, que irá morrer aos pés da cruz, que marcar a minha sepultura...»

— Calai-vos!

— Padre! perdoae-me se n'isto offendo a Deus; encaminhae-me n'esta minha desventurada existencia. Em quanto estive dizendo essas palavras, que eram a prophecia do meu futuro, parecia-me que as repetieis: dizei-me para meu governo o que a vossa sciencia e fé vos inspiram a tal respeito?...

— A minha sciencia, essa não sei eu d'ella agora: basta-me... basta-nos a fé, irmã, para considerar o que a Providencia põe ante os nossos olhos. Essas palavras eram talvez o ultimo brado do infortunio, que se desprendia da terra, antes de repoisar no seio de Deus... se ellas ainda por esse modo estão na vossa alma, considerae-as assim, e ide apaga-las do pensamento, juntamente com outras recordações do mundo, dentro do sanctuario de um claustro. A alma, só na solidão, só abraçando-se com paixão aos pés do Crucificado, se póde esquecer das ignobeis prisões, que na terra a quizeram escravisar.

— Mais do que essas palavras devo eu ahi esquecer... Ai! Padre! é horrivel o que me resta dizer-vos... e, por Deus! não fui eu que perpetrei tão execrando crime.

— Santo Deus!.. não demoreis por mais tempo esse pezo sobre o coração!

— Eramos ricos, disse eu... o oiro, padre, é um rio de maldição, que escalda a terra, como se fôra de fogo, e que lhe queima quantas virtudes ahi nascem... Meu marido não sabia senão dispender; fôra para isso que elle me esposára: o que se juntou em annos desbaratou em dias... gastou o que possuia, e tinha contrahido enormes dividas, quando meu pae adoeceu gravemente... No dia em que o tinham considerado livre de perigo, eu levei-lhe um remedio... antes de entrar no quarto puz o copo sobre uma banca, que ficava na caza proxima, para vêr se elle dormia. Mal que abri a porta, como lhe ouvisse proferir o meu nome, voltei-me logo para o logar onde deixára o remedio, e vi que lhe deitavam dentro não sei o que... ceguei por instantes... depois um gesto imperioso e terrivel me ordenou que entrasse no quarto... tomei uma resolução, e ao chegar perto da cama, deixei cahir o copo, que se partiu de subito, e, no mesmo instante, uma scena, que eu não posso repetir, e na qual um gemido surdo annunciava a minha orphandade, me fez cumplice do mais horrivel dos crimes...

— Não falleis assim... que não sois cumplice de tal crime, não, que o não podeis ser.

O frade disse estas palavras com um tom de voz bem differente do que até então tivera.

— Padre! bem dizia eu que Deus me fallava por vossa bocca... Eu não podia, não devia, sem crime, suppor a ambição capaz de tanto.

Os soluços não lhe deixaram, por alguns minutos, proferir nem sequer uma palavra.

O frade olhou em santo extase para o altar do Sacramento — a sua alma pairava entre os dois mundos.

— Padre, eu não tenho valor para dizer mais nada; nem sei como o padecimento me deixou vigor para tanto: esse homem, que eu sem deshonra não posso nomear, e que ahi se fina doido no hospital, não tem a rasão mais perdida do que eu a sinto ás vezes.

O frade, meditando, disse estas duas palavras, que, pela pausa com que as separou, parece que foram precedidas de dois nomes, que lhe ficaram no pensamento:... morto... doido.

— Dizei-me se ainda o meu padecer não merecerá a absolvição de quanto vos disse...

Como sem dar accordo de si, o confessor continuou: — Justiça de Deus!... Misericordia infinita!

— Padre, por Christo, e pela Virgem, dizeime se approvaes que vá morrer em um Convento.

— Ide, ide, que do céu vos veio esse pensamento: foi para taes infortunios que a Religião os edificou em terras da Christandade... quem soffreu tantas dores...

— Ai! padre! tantas, que só uma, a que me traspassou o coração n'esse momento, em que... sim, só essa me embranqueceu os cabellos, como se tivesse em tal momento vivido meio seculo.

— Basta, mulher... basta... disse o frade, e depois lançou-lhe a absolvição com a mão cadaverica.

Annos depois, a confessada morreu em um convento do Minho, e o confessor, desde essa quinta-feira maior, em que o coração lhe passou por tão dura prova, ficou sendo um exemplo vivo do omnipotente poder da Fé.

Por falta absoluta de espaço ficaram retiradas todas as noticias que já estavam compostas para esta semana.